

## DIMENSÕES TEÓRICO-CLÍNICAS DA PSICANÁLISE NA CONTEMPORANEIDADE: NA CONTRACORRENTE COM LAPLANCHE <sup>1</sup>

| BARBOSA COUTINHO <sup>2</sup>

### RESUMO

A revolução freudiana do assédio sexual, que dá origem ao inconsciente e à sexualidade, provoca uma descentração tal qual a revolução copernicana que desbancou a teoria astronômica geocentrista de Ptolomeu. Contudo, com o abandono da teoria da sedução sexual, observa-se em Freud um retorno à contração, o que nos permite dizer que há um Freud ptolomaico e um Freud copernicano.

Palavras-chave: Contração. Descentração. Contracorrente. Inconsciente. Sedução. Ptolomeu. Revolução copernicana.

### ABSTRACT

The Freudian revolution of sexual harassment, which gives rise to the unconscious and sexuality, caused a decentralization such as the Copernican revolution that debunked the Ptolemy's geocentric astronomical theory. However, with the abandonment of the theory of sexual seduction, there is a return to centering in Freud, what allows us to say that there is a Ptolemaic and Copernican Freud.

Keywords: Centering. Decentering. Countercurrent. Unconscious. Seduction. Ptolemaic. Copernican revolution.

---

1 Trabalho apresentado na IV Jornada de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR, em setembro de 2019.

2 Médico. Psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR.

Ir na contracorrente do que se diz ou do que se supõe serem novas ideias em psicanálise não é um simples retorno à Freud. Em relação ao seu tempo, Freud, como diz Laplanche, estava na contracorrente e, contra sua vontade, foi muitas vezes levado pela corrente. Ir à contracorrente é encontrar Freud como Ptolomeu de sua própria obra em tudo por tudo copernicana e revolucionária. Ir à contracorrente é tentar reencontrar aspectos da obra freudiana primária e fundamental que sofreram desvios, tantas vezes denunciados por Laplanche.

Para Laplanche, não é em 1897, nem 1900, mas em 1923, que Freud apresenta o caráter singular de sua descoberta, que é a compreensão de que a terapêutica e a teoria são consequências daquilo que se define como psicanálise. A psicanálise é um procedimento para investigação de processos anímicos, dificilmente acessíveis de outra forma, que não seja através de um método de tratamento e uma teoria rigorosos. A psicanálise é, portanto, uma experiência na qual clínica e teoria são indissociáveis. Isto serve como advertência às prioridades das abordagens clínicas, presentes em muitos estatutos de muitas sociedades, subordinando suas verdades aos imprevistos dos “resultados” técnicos e as variâncias da psicopatologia.

O trabalho ora apresentado não pretende negar novos paradigmas, novos conceitos. Seria mortal para a psicanálise, deixarmos a obra de Freud no ponto em que ele deixou. O foco entretanto precisa de algumas advertências necessárias para evitarmos recuos que o próprio Freud, tantas vezes levado pela corrente, praticou. Seguindo Laplanche vou navegar na contracorrente e lembrar, ou melhor, relembrar Freud, nos seus acertos e às vezes nos seus desvios; Freud ptolomeico e o Freud copernicano.

Freud que se deixa levar pela corrente e nega as cenas de atentado sexual sofrido pela criança, faz um recuo e compromete sua descoberta revolucionária. Com a negação da sedução, o caráter demoníaco da sexualidade, presente desde o início, tende a ser abafado e o *outro* desaparece da relação.

É clássico em psicanálise considerar o abandono da sedução como teoria, um passo decisivo ao aparecimento em primeiro plano, das noções de fantasia inconsciente, de realidade psíquica, de sexualidade infantil espontânea. Mas

a questão é sabermos até onde a fantasia de sedução e seu desdobramento, a realidade psíquica, se presta à negação de algo fundamental, a sexualidade infantil, inteiramente estruturada por algo que lhe vem de fora, do exterior, mais precisamente, pela sexualidade dos pais, seus desejos, que preexistem ao desejo da criança e lhe dá forma.

Não devemos ser tão rigorosos com o Freud da “carta do equinócio”. Ali ele nega sua neurótica, mas até o fim da vida, nunca deixou de sustentar a existência, a frequência e o valor patogênico das cenas de sedução efetivamente vivida pela criança. Fantasia ou realidade? Duro dilema! Não só para Freud. Analistas atuais perfilam suas posições radicalmente favoráveis ao papel da fantasia, e outros adotam como inegociável a obrigatoriedade de cenas sexuais vividas passivamente pela criança. Equinócio da psicanálise.

Freud que nega sua neurótica comparou muitas vezes a descoberta psicanalítica à revolução copernicana, já que reconhecer a primazia do outro seria colocá-lo no centro do sistema relacional, algo equivalente ao que fez Copérnico quando sugeriu que é a Terra que gira em torno do sol.

Façamos uma reflexão sobre a revolução de Copérnico na astronomia, invocada por Freud como a primeira humilhação, a primeira ferida narcísica infligida ao homem, pela ciência. Parece simples opor Ptolomeu a Copérnico, o geocentrismo ao heliocentrismo, mas devemos ter em mente que nesse percurso encontram-se os predecessores dessa descoberta e que durante séculos – e mesmo milênios – duas linhas de pensamentos se alternam, com grandes pensadores se alinhando tanto a uma quanto a outra posição.

A linha copernicana, considerada revolucionária, vai prosseguir com Galileu, Kepler, Newton e, bem depois, com Einstein. Mas, todo esse caminho revolucionário aberto por Copérnico, e as implicações de sua teoria, deu-se de forma contínua de modo a sustentar sua radicalidade? Provavelmente não, já que a ciência caminha por desvios e descontinuidades. Certo é que a via aberta por Copérnico, a teoria heliocêntrica, mandou pelos ares uma barreira epistemológica (ampliou o conhecimento) e trouxe para o jogo uma questão de “centração”, que abre para consequências bem mais vastas.

A descentração da terra e a infinitude do mundo equivalia, à época, a acusação de impiedade. Se o homem não está mais no centro do universo, as cosmogonias, as teorias que se dedicam a explicação sobre a origem do universo, e as gêneses míticas, são contraditadas, e tudo antes forjados à imagem do homem, ou nele centrados, são desvalorizados.

É dessa ferida narcísica infligida ao homem empírico (o homem real) pela ciência, que Freud fala referindo-se à revolução copernicana. O homem está humilhado, ele não é o sistema de referência central do que ele conhece. Esse descentramento acaba por afirmar que o homem não é a medida de todas as coisas (Protágoras, sofista grego, expressando a noção de relativismo, afirmava que o homem é a medida de todas as coisas).

Segundo Laplanche, Freud é para si mesmo seu próprio Copérnico, mas também seu próprio Ptolomeu. Ele observa que a revolução astronômica durou aproximadamente dois mil anos, e se deu por diversos pensadores, com intuições do verdadeiro, mas também com extravios. Na psicanálise, tudo que se produziu de mais essencial deve-se a um único homem. Chega quase a ser constrangedor a psicanálise ser obra de um único homem. Mas o fato é que não há um Freud de Freud. Só há uma psicanálise, a psicanálise de Freud. A ele devemos a descoberta do inconsciente (Descentração) e da sedução, mas também a ele creditamos o extravio, uma falsa via adotada toda vez em que é feito um retorno a uma teoria de autocentração.

Se for para estabelecer uma data, o extravio de Freud, seu recuo ptolomaico, dá-se com mais ênfase na “carta do equinócio”, de 1897, em que ele proclama “o abandono da teoria da sedução”. Freud, contudo, alterna períodos de recaídas ptolomaicas com ressurgimento da visão copernicana.

Assim, a sedução, ainda que teoricamente renegada, continua a perseguir um caminho secreto, tanto em Freud quanto em alguns de seus discípulos contemporâneos.

Nesse fluxo de inovação e extravio, as descobertas freudianas vão achar lugar ou sob um signo copernicano ou, mais frequentemente, sob um signo ptolomaico

(descobertas do narcisismo, da compulsão a repetição, a colocação em primeiro plano dos fenômenos da agressividade etc.).

A revolução freudiana, no descentramento radical que propõe, comporta duas aberturas: uma clássica, a descoberta do inconsciente, enquanto não sendo nosso centro, mas um centro “excentrado”, e de outro lado, a teoria da sedução, face oculta, mas indispensável à primeira, pois é ela que mantém o inconsciente em sua estrangeiridade.

Como “corpo estranho interno”, o inconsciente, o estranho em mim, é posto em mim pelo estrangeiro (o outro). Os avanços copernicanos, sempre difíceis de sustentar, esbarram na tendência maior que é a de sempre “relativizar a descoberta” do inconsciente, procurando aclimatar e reintegrar o estrangeiro (o inconsciente), num movimento constante de autocentração (tornar o inconsciente, consciente).

“O ego não é mestre em sua própria casa”, diz Freud no seu descentramento radical. Certas doenças e pensamentos surgem sem que se saiba de onde. Esses hóspedes estranhos parecem ter mais poder que o ego. Contudo, num retorno à centração, Freud busca reintegrar o estrangeiro ao dizer ao ego: nada de estrangeiro entrou em ti. “É uma parte de tua própria vida psíquica que se furtou ao teu conhecimento”. Existe em mim algo que separei, que deneguei e que devo reintegrar. Certamente o ego não é o mestre em sua casa, mas ainda assim ele está em sua casa. Na “carta do equinócio”, Freud novamente perfila a intensão desmesurada de suprimir ou dominar completamente o inconsciente (tornar o inconsciente, consciente - tendência ao centramento).

Segundo Laplanche, chega-se aqui ao ponto que ele considera essencial à revolução copernicana iniciada por Freud. Diz ele: o descentramento clássico que Freud havia proposto é na realidade duplo. A outra coisa (*das Andere*), que é o inconsciente, só se mantém na sua alteridade radical pela outra pessoa (*der Andere*), e só e tão somente só através da sedução. A outra pessoa é aquela da sedução, o adulto que seduz a criança.

Laplanche navega na contracorrente da maioria, que segue no fluxo ptolomaico contemporâneo. Laplanche insiste, na sua navegação copernicana:

a estrangeiridade interna (inconsciente) “mantida” pela estrangeiridade externa (sedução/outro); a estrangeiridade externa mantida, por sua vez, pela relação enigmática do outro com seu próprio estrangeiro interno (inconsciente do outro) é a conclusão de Laplanche sobre a revolução do descentramento proposto pela descoberta freudiana. Falta mostrar em que essa revolução é inacabada e qual a natureza – contingente ou inelutável – desse não acabamento.

A revolução copernicana da psicanálise pode estar acabada? Nosso intuito é levantar essa questão tomando como paradigma o pensamento de Laplanche, para quem a chave do problema está na descoberta do narcisismo.

A revolução copernicana da psicanálise é e será sempre continuada, penso eu. Mostrar que podemos ir mais longe que Freud, manter o copernicanismo de sua obra, é o que faz Laplanche em seu ensaio “Novos fundamentos para a psicanálise”. Toda e qualquer contribuição contemporânea, para ser fiel ao propósito copernicano, deverá manter o espírito de descentramento que marca a contribuição revolucionária de Freud. Este propósito não pretende remeter Freud ao erro, à cegueira, à insuficiência de seus instrumentos conceituais.

A ferida narcísica imposta pela ciência fracassa em nossa tendência de contração narcísica como corpo vivo. Eis porque para Laplanche a chave do problema está no narcisismo.

Certo é que a psicanálise está sempre transitando entre momentos ptolomaicos e copernicanos. O recentramento narcísico, por exemplo, sucede a uma etapa “copernicana”, onde o pequeno lactante gravita em torno do outro e é passivo em relação as suas mensagens. Além disso, diz Laplanche, o momento do fechamento narcísico, a constituição do ego como instância é correlativo (está associado), nos momentos do recalçamento originário, à constituição do outro interno, o inconsciente.

Do lado da teoria, insiste Laplanche, observa-se a incessante recaída “ptolomaica” de Freud, na sua insistência de sempre falar do ponto de vista do ego. Uma tal constatação de fracasso da revolução copernicana da psicanálise, o inelutável fechamento da teoria sobre o ego só seria definitivo, conclui Laplanche, se a psicanálise fosse apenas uma teoria face a um objeto (ego/consciente?). Mas a psicanálise é antes um “método”, do qual a situação psicanalítica é indissociável. Essa situação reitera a situação originária do ser humano que é um ser voltado para si e para outro.

Enquanto tal, a psicanálise é ao mesmo tempo ptolomaica e copernicana. A psicanálise é copernicana enquanto encontra de saída seu centro de gravitação no outro: ao mesmo tempo na observação da regra fundamental e na transferência. Mas a própria pretensão à cura psicanalítica não escapa a uma incessante desejo de recentração (posição ptolomaica): o ego aí não para de trabalhar para tentar recolocar em ordem os elementos inconscientes “recuperados” (centração).

Concluindo com Laplanche: a psicanálise como teoria indissociável de um método apresenta aspectos de fundo ptolomaicos e copernicanos. Isto é inelutável. Contudo, para permanência da psicanálise é necessário reabrir ininterruptamente “a brecha original” da descoberta da estrangeiridade do outro (inconsciente/sedução). “A permanência do inconsciente, a prioridade do endereçamento do outro, é uma das funções da análise mantê-las, e é dever do analista garantir o respeito que lhes é devido”.

Se na estrangeiridade do outro (inconsciente/sedução) não estivesse o âmago da prática psicanalítica e o novo de seu (re)começo, diz Laplanche: “a psicanálise não passaria de uma pobre e já obsoleta engenharia da alma”.

## REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1976). *Primeiras publicações psicanalíticas: A etiologia da histeria*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1986). *Correspondência Freud/Fliess*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1986). *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. Rio de Janeiro. Imago.
- Freud, S. (2016). *Estudos sobre histeria*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.B. (1970). *Vocabulário de Psicanálise*. Santos: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.B. (1990). *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Laplanche, J. (1997). *Freud e a sexualidade – O desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual*. Porto Alegre: Ed. Dublinense.
- Laplanche, J. (2016). A revolução copernicana inacabada. *Revista Percurso*, Ano XXIX, Jun/Dez.